

DESCOMPRESSÃO CERVICAL EM UM CÃO COM DOENÇA DO DISCO INTERVERTEBRAL (DDIV) C4-5: RELATO DE CASO

MÁRCIA PLÁ BLASCO¹; EDUARDA KUNRATH MEYER²; DIEGO ALMEIDA MONCKS³; PATRÍCIA SILVA VIVES⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – marciaplblasco@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eduarda.meyer.98@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - diegomoncks@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – patvivesvet@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os discos intervertebrais são estruturas constituídos externamente por um anel fibroso rico em colágeno e em seu interior é composto por um núcleo pulposo constituído principalmente por proteoglicanos (CESCA, 2018), os quais estão localizados entre os corpos vertebrais ao longo da coluna, exceto na primeira e segunda vértebras cervicais e nas vértebras sacrais (MARINHO, 2014).

A doença do disco intervertebral (DDIV) ocorre devido à degeneração ou traumas os quais acometem o disco fazendo com que ocorra o deslocamento de uma parte de seu conteúdo principalmente para o canal medular (FERNÁNDEZ *et. al.* 2010).

Segundo Cesca (2018), a DDIV pode ser classificada como Hansen tipo I, quando há a extrusão do material o qual constitui o núcleo pulposo para dentro do canal medular, animais condrodistróficos como os das raças *dachshund*, *bulldog* francês, *shih tzu* são comumente acometidos devido às suas características anatômicas. A Hansen tipo II é caracterizada pela protrusão do anel fibroso para dentro do canal medular, e frequentemente acomete animais não condrodistróficos (BRISSON, 2010), dependendo da porcentagem de material presente no canal medular ambas as classificações irão ocasionar compressão na medula espinhal.

Os principais sinais clínicos observados são hiperestesia cervical, a qual é referente ao estímulo doloroso na região, cifose, bem como disfunções motoras como ataxia proprioceptiva, claudicação, hemiparesia ou tetraparesia (SANTINI, 2010). Para a realização do diagnóstico da DDIV cervical, o animal deverá passar pelo exame clínico geral baseado pelo histórico,, após será realizado o exame neurológico para identificação da região acometida e após será encaminhado para os exames complementares de imagem, como tomografia computadorizada, radiografia associada à mielografia, ressonância magnética, assim, o fechamento do diagnóstico será preciso e o tratamento eficaz (CLEMES, 2018).

O tratamento da DDIV cervical em animais que apresentam graus leves da doença pode ser conservador, o qual consiste em repouso absoluto por determinado período de tempo, associado a uma terapêutica de medicamentos analgésicos e anti-inflamatórios, assim, levando a uma melhora no quadro clínico. Porém, para animais com graus mais avançados da doença e que não respondem a nenhuma terapia o tratamento deverá ser cirúrgico, para retirada do material herniado para decompressão medular. O presente trabalho teve como objetivo relatar o caso de decompressão cervical em um cão da raça *beagle* com doença do disco intervertebral cervical C4-5.

2. METODOLOGIA

Foi atendido em uma Clínica Veterinária na cidade de Pelotas, um cão, da raça beagle, 6 anos, pesando 14,05 kg. Foi relatado pela tutora que o paciente parou de subir na cama, demonstrava desconforto e apresentava episódios de vocalização. Tinha histórico de epilepsia e fazia uso contínuo de fenobarbital.

No exame físico, os parâmetros encontravam-se dentro do padrão fisiológico. No exame ortopédico-neurológico foi observada intensa cervicalgia e déficit na resposta do teste ao salto.

Foram realizadas imagens radiográficas nas projeções latero-lateral esquerda e ventrodorsal da coluna cervical, indicando mineralização *in situ* do disco intervertebral de C4-5 e discreta projeção do disco mineralizado para o forame intervertebral (Figura 1).

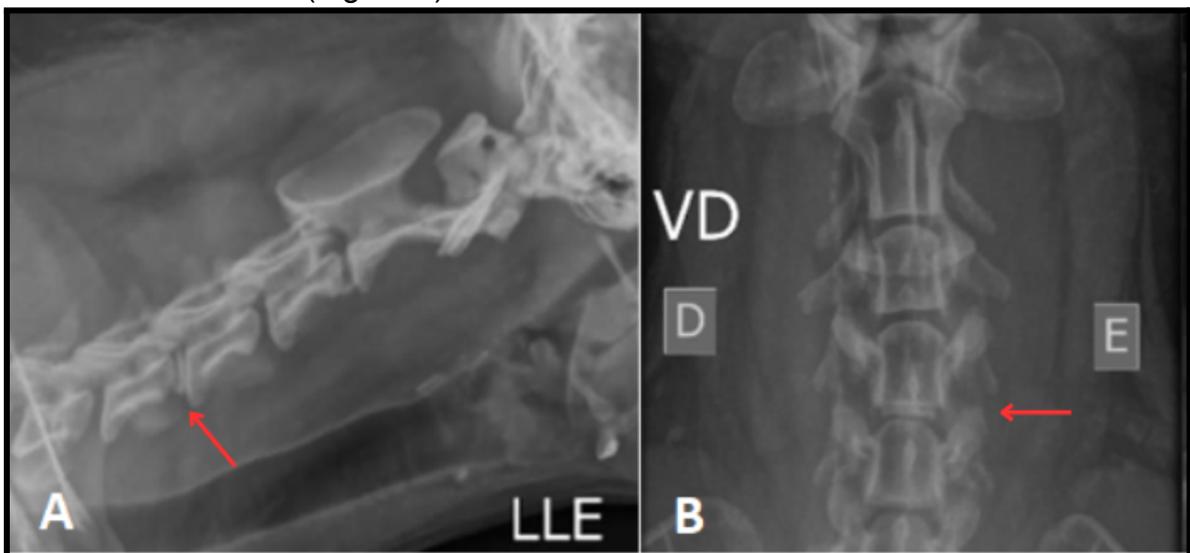


Figura 1. Imagens radiográficas nas projeções latero-lateral esquerda (A) e ventrodorsal (B) da coluna cervical de um cão da raça beagle com aspectos radiográficos relacionados a doença do disco intervertebral de C4-5 (seta).

Foi solicitada tomografia computadorizada (TC), que apontou compressão extramedular ventral, pela presença de material hiperdenso (material de disco), entre C4-5, ocupando aproximadamente 45% do canal medular (Figura 2).

Foram realizados exames complementares pré-cirúrgicos como eletrocardiograma, ecocardiograma, hemograma e mensuração das enzimas ALT, AST, creatinina, fosfatase alcalina e ureia. Apenas as enzimas hepáticas ALT, AST e FA se encontravam alteradas, secundário ao uso contínuo de fenobarbital.

O paciente foi liberado para o procedimento, de descompressão cervical por *slot* ventral a fim de reduzir a dor e demais sinais clínicos.

Foi aplicada medicação pré-anestésica com metadona 0,3 mg/kg e midazolam 0,5 mg/kg intramuscular, a indução anestésica ocorreu com propofol por via intravenosa e manutenção anestésica com isoflurano e oxigênio através de intubação orotraqueal e infusão de FLK.

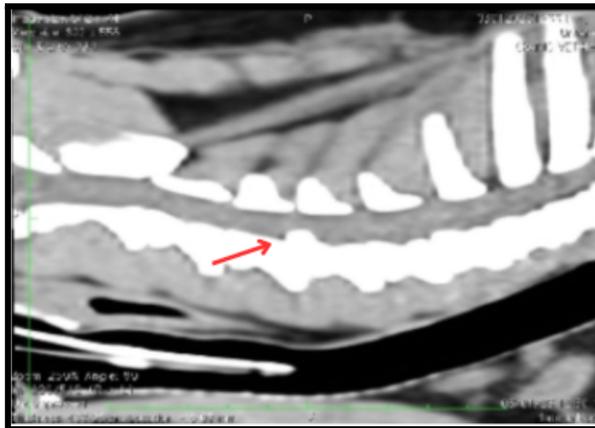


Figura 2. Imagem de tomografia computadorizada da coluna cervical de um cão da raça beagle com impressão diagnóstica de doença do disco intervertebral (extrusão), entre C4-5 (seta).

O paciente foi posicionado em decúbito dorsal, com a cabeça e pescoço em leve extensão e os membros torácicos tracionados caudalmente; foi colocado um aparato sob a região cervical dorsal para facilitar a exposição da face ventral cervical e uso de esparadrapo para fixar o corpo à mesa. A seguir a tricotomia e antissepsia desde o nível médio da mandíbula até o manúbrio.

A intervenção iniciou por meio da diérese na linha média e nos músculos esterno-hióideos; com o uso de um afastador de gelpi, foram afastadas a traqueia, o tronco vago simpático direito, artéria carótida comum e o esôfago para promover a exposição dos músculos longos do pescoço. Foram utilizados os processos transversos da vértebra C6 localizados como referencial anatômico para identificação do espaço intervertebral acometido.

A fenestração foi executada, com o uso de uma broca de alta rotação e pinça kerrison, no disco intervertebral acometido e nos corpos vertebrais cranial e caudal disco C4-C5, removendo as camadas ósseas cortical externa, esponjosa e cortical interna, estendendo-se até o ligamento longitudinal ventral. Com uma sonda foi feita a varredura abaixo das bordas da fenda a fim de remover material residual. Posteriormente, foi feito o controle de sangramentos, lavagem do sítio cirúrgico com solução fisiológica, após foi realizado a miorrafia e redução do espaço morto com padrão de sutura contínuo simples com fio nylon 2-0 e dermorrafia no padrão isolado simples com fio de nylon 2-0.

O paciente foi recuperado da anestesia e permaneceu internado por 48 horas. Após esse período, recebeu alta com medicações analgésicas, anti-inflamatórias, antibiótico e anti-eméticos. Além disso, foi recomendado repouso, dieta, fisioterapia e retorno em 10 dias para avaliação e retirada dos pontos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo DORO (2021) a sintomatologia clínica da doença do disco intervertebral é rara em animais com menos de 2 anos de idade, assim, é mais frequente em animais condrodistróficos nas faixas de idade entre 3 e 6 anos de idade, BRISSON (2010) afirma que os cães da raça Beagle são predispostos a ter a DDIV cervical 10 vezes mais que na região toracolombar.

Os paciente submetidos às cirurgias de descompressão medular os quais inicialmente possuem deambulação ambulatoria possuem um prognóstico bom, podendo a recuperação chegar perto de 99%, por outro lado os pacientes que possuem algum nível de tetraparesia a porcentagem de recuperação cai para 62% (DORO, 2021).

Após 10 dias do procedimento fez-se o retorno do paciente e ao efetuar os testes ortopédicos neurológicos foi analisada a plena recuperação fisiológica, deambulação normal sem sinais de algia cervical.

4. CONCLUSÕES

A técnica de slot ventral para retirada do material do disco degenerado demonstrou ser um tratamento complexo, porém eficaz para descompressão medular e conseqüentemente remissão dos sinais clínicos relacionados ao quadro, contribuindo para a plena recuperação do cão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRISSON, Brigitte A., **Intervertebral Disc Disease in Dogs. Veterinary Clinics Of North America: Small Animal Practice**, [s.l.], v. 40, n. 5, p.829-858, set. 2010. Elsevier BV.

CESCA, Patrícia Helena, **Doença do Disco Intervertebral em Cães**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre RS, 2018.

CLEMES, Brenda Michalski, **Doença do Disco Intervertebral Cervical do Tipo I em Cão: RELATO DE CASO**. Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos SC, 2018.

DORO, Leticia Fernandes, **Doença do disco intervertebral em cães: RELATO DE CASO EM CÃO DA RAÇA BEAGLE**. Universidade Federal do Tocantins, Araguaína TO, 2021.

FERNÁNDEZ, Valentina Lorenzo; BERNARDINI, Marco. **Neurologia em Cães e Gatos**. São Paulo: Medvet, 2010. 450 p

MARINHO, Paulo Vinicius Tertuliano *et. al.*, **Doença do disco intervertebral Hansen tipo II em cães: fisiopatologia, abordagem clínico-cirúrgica e controvérsias**. Semina-ciências Agrárias. Londrina: Univ Estadual Londrina, v. 35, n. 3, p. 1395-1413, 2014.

SANTINI, Giancarlo, **Doença do disco intervertebral cervical em cães: 28 casos (2003-2008)**. , Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2010. Brazilian Journal of Veterinary Research.